

CAMPANHA PARA DESESTIGMATIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO REALIZADA POR ESTUDANTES DE MEDICINA PARTICIPANTES DA IFMSA BRAZIL COMITÊ CESUPA E LIGA PARAENSE DE PEDIATRIA CLÍNICA E CIRÚRGICA

Tereza Cristine da Rocha Souto¹; Gabriel Nogueira Gaia¹; Pedro Carneiro-Marinho²;
Juliana Risuenho Sampaio Moraes²; Marcia de Fatima Maciel de Rojas³

^{1,2}Graduação, ³Mestrado

¹Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA),

²Universidade Federal do Pará (UFPA),

³Universidade do Estado do Pará (UEPA)

tereza1997@gmail.com

Introdução: O desenvolvimento da criança se tece a partir de uma rede de interações entre a família, pares, cuidadores e sociedade levando a que se olhe para a criança diferente, utilizando lentes com diferentes perspectivas. O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que, possui diferentes graus de acometimento psicossocial e ainda conserva divergências até mesmo científicas. Seja pela diversidade de características ou pela falta de informação deste transtorno, muitos jovens autistas e seus familiares sofrem preconceitos nos mais diversos grupos da sociedade. Assim, o autismo é uma doença relativamente rara, a deficiência ao longo da vida de desenvolvimento que é bastante variável na sua gravidade e problemas associados. É aproximadamente quatro vezes mais comum em meninos que em meninas, e geralmente aparece nos três primeiros anos de vida, ocorrendo em cerca de 1 em cada 100 nascimentos. Dentro desse cenário, foi proposto aplicar de maneira pratica a integração não só do autista, mas de toda sua família e pessoas que o cercam, em comemoração ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo. **Objetivos:** Desenvolver uma ação que pudesse, sem duvida, tentar reduzir na sociedade o estigma social associado com autismo e dissipar alguns dos mitos, que cercam o transtorno, visando à divulgação de informações sobre autismo na luta por mais direitos e menos preconceito. Empoderando autistas e suas famílias. Por meio do dialogo em fornecer informações, conscientizar e fortalecer as famílias para que elas estejam habilitadas a defender os direitos de seus filhos com autismo. Além de realizar coleta de dados com os pais e responsáveis por crianças autistas, buscando entender melhor o dia-a-dia destes e o tratamento realizado por cada um. A ficha utilizada foi cedida pela ONG AMORA. Outro objetivo foi discutir com a família a respeito dos serviços específicos em domicílio, inclusive serviços de atendentes pessoais ou cuidadores, que são necessários como apoio para que as pessoas com autismo vivam e sejam incluídas na comunidade e para evitar que fiquem isoladas ou segregadas. **Métodos:** A capacitação foi realizada no dia 30 de março de 2016 na Universidade do Estado do Pará, campus CCBS – II, e foi ministrada por uma psicóloga e uma pediatra ambas especialistas na área. O método realizado foi primeiramente expositivo, onde cada uma das palestrantes tratou de um sub-tema considerado pela mesma de importância no assunto, e posteriormente realizou-se um debate em conjunto a fim de enfatizar os principais pontos abordados. Foi explicado aos participantes sobre como identificar uma criança que possui o espectro do autismo e os tratamentos realizados com ênfase nos novos métodos. Já a ação, foi realizada no dia 03/04/2016 na Praça Batista Campos. Os 23 participantes foram divididos em trios, sendo metade dos trios destinados à panfletagem, informando e tirando dúvidas do público em geral presente no local sobre o assunto. A outra metade ficou responsável pela realização de fichas com os familiares e responsáveis das crianças autistas, nesta perguntava-se sobre os tratamentos realizados com a criança, quais profissionais

participavam deste, quando a criança recebeu o diagnóstico de autismo entre outros questionamentos. Além disso, todos participaram da caminhada anual de conscientização, buscando dar visibilidade ao tema e mostrar a importância da informação sobre este ao público em geral. **Resultados e Discussão:** Considerando o relato do público atingido, muitos ainda possuem uma visão equivocada a respeito do autismo, considerando a criança autista como “um estranho” e não alguém que apenas precisa de cuidados específicos. A partir da campanha “#LuzAzul” foi possível mudar essa visão preconceituosa que muitos ainda possuem, e também esclarecer as principais características de uma criança autista, a fim de melhorar o diagnóstico, tornando o mais precoce possível. Além disso, foi possível perceber que a maioria dos autistas ainda recebe um diagnóstico tardio o que dificulta o andamento do tratamento, sendo este é em maioria proveniente do sistema público e realizado por uma equipe multidisciplinar, que conta não só com o médico pediatra, mas também neurologistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas entre outros profissionais da área da saúde. Foi possível também discutir com as famílias um pouco do cotidiano enfrentado no tratamento e convívio com uma criança autista. Os principais pontos entendidos foram o processo de estresse familiar (em especial depressão materna) e a falta de uma rede de apoio social a essas famílias, o que poderia contribuir para dificuldades quanto à sensibilidade em perceber os sinais infantis, durante a interação. As famílias afirmaram que no âmbito escolar com o desenvolvimento das atividades lúdicas e um acompanhamento personalizado por um professor especializado, é possível ver na prática o desenvolvimento cognitivo e de personalidade das crianças. **Conclusão:** Com essa campanha pudemos atingir um número considerável de pessoas (O público atingido foi cerca de 350 pessoas na Praça Batista Campos, sendo em maioria adultos, pertencentes às classes econômicas C e D. O método de contagem levou em consideração o número de fichas preenchidas, cedidas pela ONG AMORA e panfletos entregues por cada participante), sendo que tais informações poderão ser repassadas a muitas outras. Notou-se por parte dos alunos participantes, que esse tema ainda é muito pouco discutido em nossa sociedade cercada de preconceito e tabus a respeito do tema, e até mesmo no campo acadêmico (limitado muito das vezes em aspectos apenas biológicos), tendo como consequência a pouca informação sobre o diagnóstico, tratamento e mesmo a forma de encarar a doença e como se portar diante de uma criança especial, por exemplo, devendo sim ser de extrema relevância tornar algo recorrente campanhas e ações sociais de conscientização sobre essa temática. Apesar da frequência, ainda há pouca informação sobre o transtorno, o que cerca o assunto de mitos, que, muitas vezes, prejudicam não apenas o diagnóstico, como também o tratamento e o convívio com os autistas. Para piorar, até os especialistas divergem em muitos pontos e não estão totalmente capacitados para tratar e ajudar o tratamento do Transtorno do Espectro Autista. O preconceito acontece assim, ao excluir o papel do autista como ser um ator constituído de vontade, organizador do seu próprio agir e impulsionador de alterações e de dinâmicas junto daqueles com os quais interage.

Referências:

1. BOSA, Cleonice Alves; CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre. Vol. 13, n. 1 (2000), p. 167-177, 2000.
2. BOSA, Cleonice. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 77-88, 2002.

3. LAMPREIA, Carolina. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. *Estudos de psicologia*, v. 24, n. 1, p. 105-114, 2007.
4. ALVES, Ana Paula Antunes; CORREIA, Luís de Miranda; PEREIRA, Ana Paula da Silva. Perturbações de espectro do autismo e programas de intervenção educativa: o caso português. In: XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. 2011.
5. TEIXEIRA, Olga Cristina Guita Santos. A importância da intervenção precoce nas crianças com autismo. 2013. Tese de Doutorado.